

A Padaria Espiritual

Newton Gonçalves

*“Tout cela a été déjà dit et
redit mille et mille fois!
— Oui, sans doute... mais
pas par moi!”*

Noventa anos já se passaram e ainda discutimos a “Padaria Espiritual”, insólita agremiação literária cearense, ativa entre 30 de maio de 1892 e 20 de dezembro de 1898. Famosa e efêmera, disse Tristão de Ataíde, efêmera e famosa digo eu. Reeditando integralmente *O Pão*, jornalzinho da “Padaria”, por iniciativa de Cláudio Martins, Presidente da Academia Cearense de Letras, a UFC e a PM Fortaleza trouxeram ao alcance dos pesquisadores das Letras um valioso documentário bibliográfico e deram novo alento à curiosidade de esclarecer os propósitos dos “Padeiros”, rapazes inteligentes e espirituosos, vanguarda irrequieta de uma sociedade pacata.

Em torno da “Padaria” há muitas conjeturas, falsos preconceitos e evidentes exageros.

Mas conclui que os “Padeiros” foram consumados humoristas, tremendos gozadores. No meu pobre entendimento, a “Padaria” foi uma galhofada estimulante, rejuvenescente e sincera, quixotesca, talvez.

Neste juízo, não há qualquer compromisso axiológico. Assim como as crianças gastam as energias excedentes brincando, correndo, saltando, os “rapazes” da “Padaria” esbanjaram talento inaproveitado pela modorra provinciana, mettendo a riso a mediocridade. Satíricos, humoristas, irônicos,

mesmo assim, os “rapazes” liderados por Antonio Sales conquistaram admiração e fama.

O Pão, também distribuído fora do Estado, funcionou, a contento, como órgão de intercâmbio cultural.

Creio ser tempo de examinar a “Padaria Espiritual” e *O Pão* à luz dos estudos sobre o riso, ou de sua forma inais evoluída, o humor.

Não me parece absurdo afirmar, representavam a “Padaria Espiritual” e *O Pão* exatamente o papel primitivo do riso, de exemplos vivos de um grande “trote social”, na expressão de Bergson.

Os “Padeiros” demonstraram, sob capa de trocistas, um certo sentimento de superioridade, de orgulho, de desdém, de simpatia e de piedade, ingredientes do estado de espírito muito complexo dos humoristas.

Rindo — dizia Bergson — a sociedade tem o privilégio estranho e paradoxal de castigar a si mesma!

A história da “Padaria Espiritual” está no livrinho de Leonardo Mota e na obra mestra de Dolor Barreira. Tintim por tintim. Mas o memorialista Pedro Nava, filho e sobrinho de “Padeiros”, avançou algumas interpretações pessoais sobre a “Padaria”, endossadas e repetidas, com muita parcimônia de aspas por Wilson Martins, ao arrolar o movimento, entre os “pequenos fatos significativos de 1892”.

Pedro Nava descobriu na “Padaria” um movimento meio — secreto; extremista; vagamente conteano; um tanto maçônico; antiburguês; anticlerical; anti-religioso; rebelado contra a ordem estabelecida; levemente anarquista...

Não achei em *O Pão* indício algum das hipóteses acima levantadas. Nava e Martins também erraram na contagem dos números de *O Pão* e confundiram datas.

Teria sido melhor invocar a teoria freudiana sobre a origem do riso como sendo a satisfação de uma tendência sexual ou agressiva.

O *mot-d'esprit* burla a censura, satisfaz as nossas disposições hostis, sem agredir diretamente. Em vez de revidar a murro, o ofendido gargalha.

O grande memorialista com evidente exagero psicanalítico, interpreta alguns criptônimos dos “Padeiros” à base de conotações de violência e de agressão.

Enquanto Kandalascaia, Ivan d’Azhoff (criptônimos de Joaquim Vitoriano e de Valdemiro Cavalcante) apenas me sugerem um exotismo ingênuo, parecem a Pedro Nava nomes retirados do enorme rol dos terroristas eslavos.

Nava, como José Geraldo Vieira, gosta de salpicar com erudição o seu maravilhoso estilo e foi descobrir no fundo do Mar Branco, Kandalachke, cidadezinha provavelmente ignorada pelos "Padeiros" da enseada do Mucuripe.

Os burgueses alfinetados por Félix Guanabarino (Adolfo Caminha) não eram os combatidos pelos socialistas, utópicos ou científicos, e sim a gente medíocre, cuja simples presença melindrava a sensibilidade intelectual dos "Padeiro", também freqüentadores dos "salões coreográficos", do Prado e de convescotes alegres.

Os "Padeiros" não pensavam no "burguês níquel", "burguês", a quem Mário de Andrade votava:

*"Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico
Ódio fundamento, sem perdão".*

A divisa "Amor e Trabalho" seria uma forma primitiva do "Paz e Amor", sem o acompanhamento dos dedinhos da mão direita levantados em V... ou dos punhos esquerdos fechados.

Não faltaram em *O Pão* as crônicas sociais, coisa tipicamente burguesa e a "Padaria" não dispensou hino, distintivo nem estandarte, no melhor estilo da época.

Quando Xavier de Castro morreu, os "Padeiros" mandaram celebrar missas, desmentindo o anticlericalismo e a anti-religiosidade do item 26 do Programa da "Padaria" no todo, um divertimento inocente, uma "plaisanterie" em malícia.

Longe de ser um foco de rebeldes, a "Padaria" me lembra um viveiro de pássaros, de sabiás líricos, de campinas joviais, de bem-te-vis sarcásticos, de piririguês tagarelas, de canções divertidas e de juritis incompreendidas, aquela passarada Antônio Sales reuniu envolvida pela "insulsa mediocridade de aves vulgares" em uma das mais encantadoras páginas da literatura cearense.

A orientação prevalentemente humorística do jornal, como acontece às vezes com este tipo de publicação, satirizou os leitores, pois, em 24-12-1892, ele sumiu repentinamente para só voltar "mais crescido, mais circunspecto e mais forte", em 1-1-1895, justificando a ausência pela má vontade das tipografias burguesas com o trabalho fiado, fato provavelmente determinante da aceitação de anúncios e de assinaturas pagas... adiantadamente.

Qual teria sido a tiragem de *O Pão*?

Acho curioso que o jornal não se tenha utilizado de caricaturas como forma de humorismo.

Estranho *O Pão* não ter divulgado a lista completa dos “Padeiros”, os “Estatutos da “Padaria” nem o texto das atas de suas reuniões.

A primeira fase do *O Pão* (1-6, 10/7 a 24/12/1892) não apresenta matéria de expressão literária, nem na forma, nem no conteúdo. É composta de historietas banais, algumas quadras humorísticas, piadas (às vezes de duplo sentido...), notícias do movimento turfístico e uma incipiente crônica social, pequenos comentários sobre fatos irrelevantes e cúmulo e pensamentos, que poderiam ser subscritos, sem desdouro, por Millor Fernandes.

E nada que possa identificar o ideário político-filosófico dos “Padeiros”: um nome, um conceito, uma teoria.

Destaco no n.º 2 a notícia sobre o lançamento de *A Normalista* (Adolfo Caminha), “romance experimental” que o “Padeiro” Rodolfo Teófilo haveria de criticar asperamente, fazendo-lhe a justiça anunciada — na notícia — por Tibúrcio de Freitas.

O n.º 7 assinala o renascimento de *O Pão*, agora quinzenário. Nele se encontra um interessante estudo sobre o poeta espanhol Campoamor.

Aqui aparecem os primeiros anúncios, inclusive do “Estaminet Europeu”, nome certamente sugerido por algum “Padeiro” a Mané Coco, cujo patrimônio lingüístico não teria sido suficiente para descobrir em “Estaminet” o significado de pequeno café popular.

Além dos indefectíveis anúncios de remédios milagrosos, há também o da loja “Estrela do Oriente”, cujos artigos, diz lá textualmente, “não se confundiam com as vulgaridades que infestam o mercado”...

A secção “Sabatina” é substituída por “Os Quinze Dias” e também os redatores responsáveis. Neste n.º também se lê a seguinte curiosidade, extraído da Rev. da Fac. Livre de Direito, de Ouro Preto, Minas Gerais:

“O Dr. Catão põe em relevo a importância de higiene nas ciências sociais e reclama a criação de institutos bacteriológicos nas faculdades jurídico-sociais”.

O n.º 12 inaugura uma colaboração de Clóvis Beviláqua com o trabalho “Criminologia e Direito”.

O n.º 23 começa a publicar a crítica de Rodolfo Teófilo ao livro *A Normalista*, de Adolfo Caminha, crítica polêmica, encerrada com o seguinte conselho: “Recolha-se, me-

dite Sr. Adolfo Caminha e se convença de que escreveu um mau livro, em todos os sentidos”.

Em três números sucessivos, Rodolfo Teófilo também discute “As Manchas do Sol e as Secas”, trabalho documentado com dados da “Astronomia Popular” (de Flamarion), fato explorado para lançar sobre ele a pecha gratuita de plagiato.

Também são interessantes, em *O Pão* os juízos emitidos sobre alguns autores muito elogiados em manuais de literatura, que não têm o mesmo compromisso com a verdade dos “Padeiros” de 1892.

A Secção Imprensa Literária nos dá idéia do intenso intercâmbio cultural estabelecido pelo *O Pão*, um dos seus congêneres, no Brasil e em Portugal.

Em o n.º 25 destaco a homenagem prestada ao sexagenário Juvenal Galeno, pelos moços da “Padaria”, prova de que não se tratava de um grupo iconoclasta e que sabia reconhecer os valores legítimos.

Nele, também, Rodolfo Teófilo volta a carga contra Adolfo Caminha, tachando-o de “polemista de roça, autor de páginas escritas em estilo manco e repletas de cenas pulhas”...

Rodolfo Teófilo ficara realmente agastado com as *Cartas Literárias*, “literatolices”, de Adolfo Caminha, com quem embirrava por causa dos reparos por ele feitos ao livro *Fome*, de sua autoria.

Aquele meu parente era fogo!

O n.º 26 aborda, de passagem, o problema da colocação dos pronomes, cavalo de batalha das gramáticas brasileiras. Digo brasileiras, porque em Portugal, segundo Cândido de Figueiredo (o “incândido Figueiredo”, de quem Capistrano de Abreu não reconhecia autoridade filológica) prevalece o princípio da eufonia, defendido no Ceará, na época pelo ensino de Raimundo Arruda.

Neste mesmo número está publicado o Hino da Padaria, a que já me referi e que me parece extremamente catona...

Produzindo o n.º 30, o forno da “Padaria” esfriou e *O Pão* só voltou a circular em 18-8-1896. O otimismo então manifestado em dezembro de 1895 não prenunciava tão longa interrupção. Esta explica a divergência entre os historiadores da “Padaria” a respeito do número total de “Pão” produzidos.

O n.º 34 vale a pena ler, pela carta ressentida de Antonio Bezerra, deixando o Ceará à procura de subsistência no Amazonas. Deixando a “terra que ele amou apaixonada-

mente; incondicionalmente, apesar das ingratidões e das injustiças”, que recebera aqui.

O n.º 36 marca a suspensão definitiva de *O Pão*, desaparecimento tão imprevisto, que deixou incompleto a crítica demolidora de Antonio Sales ao livro *Rimas*, do poeta paraibano José Rodrigues de Carvalho.

A “Padaria” não produziu apenas *O Pão*. Dela saíram vários livros que mereceram referências positivas em plano nacional e que talvez sejam a parte mais importante, do ponto de vista literário, permanente.

Afrânio Coutinho dá muita ênfase ao estilo como revelador da natureza de uma época e por isso lamentou o excesso do social, no Seminário do Romance Brasileiro da década de 30, em boa hora promovido pela UFC.

Sendo assim, os contos e certas composições apresentadas pelo *O Pão* mereciam uma análise estilística profunda, embora nos pareça difícil saber até onde foram escritos sérios ou somente obedeciam à linha humorística do periódico.

O programa lido por Antonio Sales na sessão inaugural expressa referências às rosas de Malherbe; mas, *O Pão* não omitiu o “olhar obtuso e ameaçador de Javert, a “perversidade de Atila”, “a ciência de Ulpiano”, o “templo de ciência de Charcot” e outras chapas desgastadas.

Em tarrafada a esmo, colhi nas páginas de *O Pão* “pérolas do Oriente”; “a placidez suave de um quieto lago”; “noites enluaradas e tégidas”; “lábios de Eglantine”; “louras como trigais egipcianos”; “aljofrei de sentido pranto”; “o perfume esquisito dos heliotropos”; “a diafaneidade vaporosa de um sonho”; “as chicotadas cauterisantes da vida”; “o veludo de um olhar amado”; “árvores lavadas em liquefações de diamantes”; “o astro amado, suserano da pátria das estrelas”; “um jordão de carinhos”; “a luz agoniada de um crepúsculo”; “sombras tapizando veludosamente a relva”; “canto de pássaros apoteosando” a “fecundação dos ninhos”; “moles coxins de alvíssimas areias”; “o fundo abismo diante”; “clangor de blasfêmias”; “doçuras de salmos” (com p...); “emoções dulcíssimas”; “o fogo abrasador do amor da paixão”; “o perfume original dos *lieds* e das trovas populares”; “a brônzea couraça de arte moderna”; “esplêndido ramilhete de rosas”; “papoulas rubras do Oriente”; “uma tarde escandinava”; “longas campinas estrelejadas de florinhas de trevos e de musgos”; “a pelúcia veludosa de folhagem opulenta”, tudo conforme a retórica mais alambi-

cada e no estilo desenxabido dos padrões oficiais e dos poetas colhedores de estrelas no firmamento para fazerem colares cintilantes para exornar o colo alabastrino das amadas... e outros tesouros de fraseomania e do lugar comum.

É ou não é gozação?

E as palavras esquisitas, tipo "frouxel", "plectro", "lôbregos", "albente", "merencório", "galardão", "eflúvio", "azor-rague", "chispas", "esquipática" seriam menos ofensivas que o mais cabeludo dos galicismos?

Ainda gozação?

Muita coisa mais merece investigação na "Padaria". Qual o texto das cartas dirigidas pelos Padeiros a Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz Guerra Junqueiro e outros?

Por que João Lopes, José Lino, Justiniano de Serpa e Leopoldo Brígido não aceitaram ingressar na "Padaria"?

Qual o quadro social e político da Fortaleza entre 1892 a 1898?

Que pensavam os "Padeiros", longe do forno, sobre os problemas da época?

Psicologicamente, como conviviam os "Padeiros"?

Teriam sido as demissões de alguns deles o resultado de um choque de gerações entre os muito verdes e os mais maduros?

Como se projetava o fim do séc. XIX no "telão" da "Padaria"?

Qual a repercussão do desaparecimento definitivo de *O Pão* e da suspensão das atividades da "Padaria"? A sociedade cearense notou? Mudou, depois da "Padaria", o panorama literário do Ceará?

Cumpriu-se promessa de Alvaro Martins contida nesta "Bolachinha":

*"Prestai auxílio e razão
A nossa agremiação
Ao nosso grande ideal;
Que no fim desta campanha,
Podemos, a vosso lado
Vos mostrar o resultado
Da massa... espiritual."*

É certo estabelecer um paralelo entre a "Padaria" de 1892 e a Semana da Arte Moderna, de 1922, como disse Pedro Nava?

Os “Padeiros” teriam alguma afinidade com os “Vencidos da Vida”, em Portugal de 1888?

Seja como for, considero muito válida a rebeldia intelectual daqueles rapazes insatisfeitos com as minguadas padas que o meio provinciano lhes oferecia.

Noventa anos depois, eles ainda me deram assunto para esta palestra, que realmente só tem o objetivo de apresentar ao presidente Cláudio Martins as minhas congratulações pelo excelente serviço que acaba de prestar às letras cearenses, e provocar os entendidos para que retomem as pesquisas sobre nossa literatura, segundo as regras universais da ciência.

Está na hora rever processos, de esperar injustiças (negativas ou positivas...) de explicar e de entender o esforço da sobrevivência que o Ceará também tem feito no campo cultural brasileiro, semeado de talentos daqui emigrados, ou que se não deixaram abafar pelo conformismo e pela apatia.